

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v15n2.1125>

O problema do relativismo na ciência rigorosa de Husserl

The problem of relativism in Husserl's rigorous science

Guilherme Felipe Carvalho

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná
(PUCPR). Bolsista CAPES.

E-mail: guilhermefelipe589@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8797-5614>

Resumo

O presente artigo almeja refletir sobre a problemática enfrentada por Husserl em seu projeto de construção de uma ciência rigorosa. Em *Philosophie als strenge Wissenschaft*, obra na qual o pensador ilustra com mais detalhes a sua pretensão, há dois obstáculos a serem superados, segundo Husserl, expressos na forma do historicismo e do naturalismo. Ambos os conceitos por relativizar a verdade e reduzi-la a uma compreensão material, estão destinados ao ceticismo. Disso resulta que uma fenomenologia pura, que reúne as condições de tornar a filosofia uma ciência rigorosa, não pode ficar presa aos fatos empíricos. Para tal, Husserl promove uma distinção entre fenômenos físicos e psíquicos, entre a realidade material e a verdade ideal. Portanto, a fenomenologia sendo uma ciência das essências, cujo objeto de estudo é a verdade ideal, busca superar a mera materialidade e afirmar-se como uma doutrina pura, cujo objeto central é o fenômeno puro, despido de toda a materialidade, revelado em sua condição ideal, universal.

Palavras-chave: Fenomenologia; Relativismo; Husserl.

Datas:

Recebido: 30/07/2023

Aprovado: 03/05/2024

Publicado: 03/12/2024

Abstract

This article aims to reflect on the problem faced by Husserl in his project to build a rigorous science. In *Philosophie als strenge Wissenschaft*, a work in which the thinker illustrates his claim in more detail, there are two obstacles to be overcome, according to Husserl, expressed in the form of historicism and naturalism. Both concepts, by relativizing the truth and reducing it to a material understanding, are destined for skepticism. It follows that a pure phenomenology, which meets the conditions to make philosophy a rigorous science, cannot be tied to empirical facts. To this end, Husserl promotes a distinction between physical and psychic phenomena, between material reality and ideal truth. Therefore, phenomenology, being a science of essences, whose object of study is the ideal truth, seeks to overcome mere materiality and assert itself as a pure doctrine, whose central object is the pure phenomenon, stripped of all materiality, revealed in its ideal, universal condition.

Keywords: Phenomenology; Relativism; Husserl.

Introdução¹

Ao empreender a construção de uma fenomenologia pura, tendo como característica ser uma ciência rigorosa, Husserl se depara com um problema: o relativismo. Este impasse não é novidade em seu pensamento, se em seu texto de 1911 “PsW”, o filósofo critica duramente a relativismo da verdade, tal abordagem já pode ser notada em *LU I*, onde a crítica ao psicologismo lógico² ocupa grande parte da obra. A crítica ao relativismo se apresenta, deste modo, como uma característica do pensamento husserliano. Desta maneira, em *PsW*, onde a fenomenologia já é apresentada como uma filosofia pura (ainda que não desenvolvida plenamente como idealismo), Husserl apresenta uma crítica ao historicismo e ao naturalismo, e defende que para uma fenomenologia pura alcance uma

1 No presente artigo, todas as obras seguem a notação da *Husserliana: Edmund Husserl-Gesammelte Werke*, sendo todas as traduções de responsabilidade do autor. Aproveita-se também para indicar as siglas das obras de Husserl utilizadas no decorrer do artigo: *LU I: Logische Untersuchungen: Prolegomena zur reinen Logik* (1900, Hua XVIII); *LU II: Logische Untersuchungen: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis* (1901, Hua XIX/I); *LU III: Logische Untersuchungen: Elemente einer Phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis* (1901, Hua XIX/II); *ELE: Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie* (1906/07, Hua XXIV); *IP: Die Idee der Phänomenologie* (1907, Hua II); *EPE: Einführung in die Phänomenologie der Erkenntnis* (1909, Hua VII); *PsW: Philosophie als strenge Wissenschaft* (1911, Hua XXV); *Ideen I: Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie* (1913, Hua III/I); *FM: Fichtes Menschheitsideal* (1917, Hua XXV); *Krisis: Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie* (1936, Hua VI). Do mesmo modo, utiliza-se a *Kants Werke-Akademie-Textausgabe* para se referir à primeira crítica: *KrV: Kritik der reinen Vernunft* (1781, AAIII).

2 Acerca deste importante conceito que permeia a obra de Husserl, faz-se importante ressaltar que a sua principal característica consistia na tentativa de fundamentação da lógica através da psicologia empírica, não distinguindo corretamente, segundo Husserl, o ideal e o real, ou pensando o ideal como uma construção do real. Em face disso, Husserl reitera a necessidade do caráter *a priori* da lógica, algo totalmente inviável a uma disciplina como a psicologia, que é fundamentada a partir de fatos contingentes, isto é, dados de ordem empírica. A expressão final desta crítica é que o psicologismo é um tipo de relativismo, e que por conseguinte, conduz ao ceticismo. Cf. Hua XVIII, cap. IV (consequências empiristas do psicologismo).

dimensão universal, tem de, necessariamente, se ocupar com o problema da relatividade da verdade.

Por isso, uma filosofia pura expressa na forma de uma ciência rigorosa não pode ficar presa aos fatos empíricos, posto que estes são transitórios e não possuem uma extensão universal. A universalidade, assim, somente pode ser alcançada por meio do *a priori*. É neste sentido que Husserl realiza uma crítica à tradição filosófica, pelo fato de a filosofia não ter ainda sido convertida a uma ciência rigorosa. A filosofia, ao contrário das demais ciências, não progrediu, segundo Husserl, ficando presa às convicções dos pensadores.

Em face disso, segundo o filósofo, é que a filosofia pode finalmente constituir-se como uma ciência rigorosa. Tal possibilidade encontra-se expressa em termos de uma fenomenologia pura, pois esta não ficando confinada aos fatos empíricos, encontra um fundamento apriorístico que permite o desenvolvimento do filosofar: o *ego* puro. E a questão da relatividade da verdade, é assim, resolvida por meio de uma sólida fundamentação encontrada de modo *a priori* mediante a análise da consciência intencional.

A tendência da filosofia e o historicismo

Em *PsW*, por meio de uma concepção histórica, Husserl afirma que há uma tendência que acompanha a filosofia desde os seus primórdios: a pretensão de tornar-se uma ciência rigorosa (*strengge Wissenschaft zu sein*). Isso envolve a resolução de necessidades teóricas, inclusive a ético-religiosa, tendo como base elementos puramente racionais. Embora este projeto nunca tenha sido abandonado por completo por parte dos diversos pensadores, fato é que nunca pôde ser cumprido com êxito. Há, entretanto, neste projeto, momentos históricos em que este intento apresentou-se ora mais, ora menos elevado. Segundo Husserl, a Idade Moderna³ representa o ápice do projeto de elaboração da filosofia enquanto ciência rigorosa. Tal ideia pode-se notar presente em Kant e, especialmente, em Fichte⁴.

Embora este notório empenho estivesse presente entre os pensadores, “o único fruto maduro destes esforços foi a fundamentação e autonomia por parte das rigorosas⁵

3 Embora não apareça no texto de modo explícito, pode-se inferir que para Husserl, além de Kant e Fichte, este projeto também se faça presente das filosofias de Descartes e Leibniz, pensadores estes também influentes em Husserl.

4 Acerca da presença de Kant e Fichte em Husserl, cf. Siemek, 2021. Especificamente quanto a Fichte, não é à toa, em *FM*, Husserl referir-se a ele enquanto um “reformador ético-religioso”, um “profeta”. Com o passar dos anos, e da transformação da fenomenologia descritiva (1900/01) em transcendental em 1906/07 e definitivamente como idealismo em 1913, com as *Ideen I*, é que Fichte vai se consolidando como uma influência decisiva no pensamento de Husserl. Acerca de uma comparação entre os sistemas de Fichte e Husserl, cf. Ferraguto, 2021.

5 Faz-se importante refletir se Husserl considera as demais ciências enquanto rigorosas. Aparentemente, Husserl entende que as ciências podem tornar-se rigorosas. Entretanto, a única que pode legitimamente ser, é a filosofia, pois se constitui enquanto o fundamento de todo o saber possível. Isto posto, pode haver uma aparente contradição: se por um lado, Husserl afirma que a filosofia ainda não se tornou ciência rigorosa, como pode esta ser a única essencialmente rigorosa? Presumivelmente, Husserl entende que a dúvida, o método, e o

ciências naturais e morais, bem como de novas disciplinas puramente matemáticas” (Hua XXV, 3). E a filosofia, por sua vez, não apresenta o mesmo grau de notoriedade que as demais ciências. Se não bastasse apenas este fato de a filosofia, mediante seu fracasso de ser ciência rigorosa, promovesse uma autonomia por parte das demais ciências, também sequer chegou a esclarecer o sentido dos problemas filosóficos que se lhe apresentam. Contudo, Husserl compreende uma superioridade epistemologicamente autêntica na constituição imanente da filosofia:

A filosofia é [...], essencialmente, a ciência dos verdadeiros princípios, das origens, do *ρίζωματα πάντων* [raízes de todas as coisas]. A ciência do radical deve também ser radical em seu processo e em todos os aspectos. Acima de tudo, ela não deve descansar antes de ter chegado aos seus inícios, isto é, aos seus problemas absolutamente claros, aos métodos delineados no sentido mesmo desses problemas e ao campo da elaboração das coisas de apresentação absolutamente clara (Hua XXV, 61).

Deste jeito, Husserl compreende que mesmo a filosofia constituindo-se em essência como a ciência primeira (a ciência originária responsável pela existência de todas as

rigor, são características essenciais da reflexão filosófica por excelência. As demais ciências ao questionarem-se sobre a causalidade entre os fatos, já estariam, deste modo, no campo da filosofia. Também esta aparente contradição pode ser o resultado da concepção de ciência: na Idade Moderna, a ciência “pertencia” à filosofia, e com o passar do tempo, tornou-se um ramo próprio do saber (esta parece ser a crítica de Husserl). A ciência a que Husserl se refere é derivada do vocábulo alemão “*Wissen*”, que pode ser traduzido como “saber”, daí o termo “*Wissenschaft*” traduzido enquanto “ciência”. Ao que tudo indica, Husserl entende ser danosa a concepção de ciência enquanto “*Wissen*”, no sentido contemporâneo, posto que o único saber autêntico encontra-se no campo da filosofia, que é o *saber* por excelência. Aqui, Husserl aproxima-se mais uma vez de Fichte, ao buscar por um princípio, por uma “doutrina da ciência”; princípio este que serve de fundamento a todo o *saber*. Para Fichte, segundo Ivaldo (2016, p. 178), o *saber* “é o ‘tema’ da Doutrina da Ciência (a qual é saber do saber e do saber-se), e é compreendido também como experiência humana em geral. Em particular, a Doutrina da Ciência verte sobre o saber em sua essencialidade, ou seja, não sobre saberes particulares, fundados pelo primeiro, mas pelo que é designado de saber absoluto, ou o saber considerado em suas estruturas constituintes.” Loparić (1980, pp.vii-viii), por sua vez, argumenta que Husserl visando “demonstrar que a filosofia (enquanto fenomenologia transcendental) é uma ciência rigorosa, apresenta várias distinções. Em primeiro lugar, distingue entre ciências empíricas (dos fatos) e ciências puras (de idealidades *a priori*), como, por exemplo, a física e a matemática. Em seguida, distingue entre ciências exatas e ciências rigorosas. As primeiras vinculam-se ao caráter preciso de suas medições e experimentações; as segundas, ao caráter necessário de seus princípios básicos. Finalmente, Husserl distingue entre ciências rigorosas e absolutamente rigorosas. As primeiras possuem princípios, mas seus fundamentos não são fornecidos por elas próprias e sim por outras ciências, as absolutamente rigorosas. Estas são aquelas que se autofundamentam. A filosofia é, em todos os sentidos e de pleno direito, a única ciência *absolutamente* rigorosa porque fornece a si própria os seus fundamentos e os de todas as outras ciências, sejam elas puras ou empíricas”.

demais, a ciência do conhecimento puro e absoluto), ela não pôde⁶ efetivar-se na qualidade de ciência. Neste caso, a filosofia enquanto ciência rigorosa representa uma potência referente ao vir-a-ser. “A mestra cuja vocação é ensinar a eterna obra da humanidade, nem mesmo sabe ensinar: ensinar de modo objetivamente válido” (Hua XXV, 4). Para Husserl, a afirmação kantiana de que só é “possível, por conseguinte, aprender a matemática, mas nunca a filosofia [...], apenas se pode, no máximo, aprender a filosofar” (AAIII, A838-B866), refere-se a uma confissão de que a filosofia não é uma ciência. Husserl compreende que o estudo científico não diz respeito a uma atividade passiva do espírito, mas trata-se de uma ação própria, tanto indutiva quanto dedutiva, de intelecções racionais. “Não se pode aprender filosofia, pois nela não existem tais intelecções objetivamente compreendidas e fundamentadas, o que significa que ela ainda necessita dos problemas, métodos e teorias conceitualmente definidos” (Hua XXV, 4).

Além disso, Husserl compreende que a filosofia não é somente uma ciência imperfeita, mas de sobremaneira, que ainda não é uma ciência efetiva. A imperfeição encontra-se em todas as ciências⁷, inclusive nas exatas. Por um lado, tal incompletude (*unvollständig*), refere-se ao “horizonte infinito de problemas ainda por solucionar” e por outro lado, “há inúmeros defeitos em sua doutrina já formulada, aparecendo eventualmente, resquícios da falta de clareza e da imperfeição na ordem sistemática das provas e teorias” (Hua XXV, 4).

Husserl também salienta que no âmbito científico, não pode haver espaço algum para opiniões particulares, e se houver, é um forte indício de inacabamento por parte da ciência, significando que esta se encontra meramente em fase de formulação. Entretanto, o inacabamento descrito por Husserl nas ciências é distinto daquele presente na filosofia. Mesmo os cientistas não se preocupando com a legitimidade dos fundamentos em que

6 Em *Krisis*, um de seus últimos escritos em vida, Husserl diante do assombro da Segunda Guerra, e em especial do nazismo (embora luterano, Husserl era de família judaica e, portanto, enfrentou problemas por conta do antissemitismo institucional), confessa que fracassou em seu projeto de tornar a filosofia uma ciência rigorosa. “A filosofia enquanto ciência séria, de rigor, ciência apoditicamente rigorosa: o sonho encontra-se acabado” (Hua VI, 508).

7 Em *LU I*, Husserl já estabelece uma crítica às ciências exatas: “o matemático, o físico ou o astrônomo, mesmo que para a realização dos feitos científicos mais significativos, não necessitam da intelecção dos fundamentos últimos de sua atividade e, não obstante os resultados alcançados possuam para ele e para outros a força da convicção racional, ele não pode, ainda assim, reivindicar ter demonstrado todas as premissas últimas de suas conclusões, ou ter pesquisado os princípios sobre os quais assenta-se a correção de seus métodos. Nisto refere-se, o estado incompleto de todas as ciências. Não estamos nos referindo ao seu caráter meramente inacabado, por meio do qual elas pesquisam as verdades de seu domínio, mas à carência de clareza e de racionalidade internas que temos de exigir, independentemente da extensão da ciência [...]. [A]s ciências, apesar desta carência, terem se tornado maduras e tenham nos proporcionado um domínio inimaginável sobre a natureza, não nos podem satisfazer teoreticamente” (Hua XVIII, §4, 26-27). Mais adiante, em *EPE*, Husserl também reflete sobre isso: “verifica-se que a ciência natural ainda não é ciência em sentido último, na medida em que os problemas de nova dimensão [fenomenológicos] relativos à correlação entre o conhecimento da natureza e a natureza são de essencial importância para a característica do próprio ser que ela pesquisa: uma característica que, no entanto, encontra-se inteiramente fora do escopo da ciência natural” (Hua VII, 34).

repousam as suas teorias, eles acabam por produzir conhecimento. Os seus métodos e teorias, de modo prático, *funcionam*. Para Husserl, a filosofia não somente não detém um sistema doutrinal completo, mas não possui sistema algum. Pois no âmbito da reflexão filosófica, “tudo é polêmico, todo posicionamento é uma questão de convicção individual, de escola, de um ponto de vista” (Hua XXV, 5). Há neste sentido, uma necessidade de mudança/virada (*Umwendung*), que para Husserl é expressa nos termos de um sistema doutrinal filosófico, cuja base é, necessariamente, garantida por uma fundamentação segura⁸. É exigido, nos termos de Husserl, que haja um progresso (*Fortschritt*):

As ‘viradas’ que são decisivas para o progresso da filosofia são aquelas em que a pretensão das filosofias anteriores de serem ciência, acaba por desintegrar-se mediante a crítica aos seus procedimentos supostamente científicos e a vontade plenamente consciente de reformular de modo radical a filosofia no sentido de ciência rigorosa, é agora a ordem orientadora e determinante da tarefa. Toda a energia intelectual é primeiramente concentrada em trazer a uma clareza decisiva por meio da consideração sistemática, as condições da ciência rigorosa que foram ingenuamente negligenciadas ou mal compreendidas pela filosofia anterior, para então almejar a construção de um novo edifício filosófico. Essa vontade plenamente consciente de ser ciência rigorosa domina a virada socrático-platônica da filosofia e também as reações científicas à escolástica no início dos tempos modernos, especialmente com a virada cartesiana. Seu impulso se estendeu às grandes filosofias dos séculos XVII e XVIII, reviveu com a mais radical força na crítica da razão de Kant e ainda dominou o filosofar de Fichte. A pesquisa é sempre voltada para o verdadeiro começo, para as formulações decisivas dos problemas, para o método correto (Hua XXV, 6).

Entretanto, Husserl identifica que esta tendência de ser ciência rigorosa, que se manifesta na história da filosofia, e que pode ser identificada nas viradas mencionadas pelo autor, é interrompida pelo movimento romântico, que por conseguinte não pôde ser superado por Hegel⁹, que para Husserl, necessita de uma crítica da razão, “que é a condição primária do caráter filosófico-científico” (Hua XXV, 6). Isso ocorre pelo fato de que “Husserl via Kant como correspondente a esse ideal ao colocar a crítica da razão no início da filosofia”. Deste modo, para Husserl, “a filosofia de Hegel desvia-se do ideal da ciência rigorosa justamente porque não se baseia em uma crítica da razão” (Kern, 1964, p. 179). E além do mais, esta doutrina juntamente à romântica, atuou no “sentido de enfraquecer ou falsificar o impulso para a constituição de uma ciência filosófica de rigor” (Hua XXV, 6). Husserl também acusa a doutrina de Hegel de ter suscitado uma

8 Tal fundamento incondicionado trata-se do *ego*, revelado pela redução.

9 Possivelmente, a crítica que Husserl dirige a Hegel, de este não realizar uma crítica da razão, e por isso, não prosseguir no projeto de uma filosofia rigorosa, se dá pelo fato de que para Hegel, a razão é diferente da visão kantiana e também de Husserl. Para um maior detalhamento sobre a relação entre as filosofias de Hegel e Husserl, cf. Staehler, 2016.

supremacia do naturalismo no século XVIII, “com a sua doutrina da legitimidade relativa de toda filosofia em relação à sua época” (Hua XXV, 6). Tal interpretação sobre Hegel é, todavia, questionável¹⁰.

Não obstante a isso, segundo Husserl, a filosofia hegeliana acabou abrindo margens para o desenvolvimento do historicismo, e para a filosofia de visão de mundo (*Weltanschauungsphilosophie*). Diehl (2005) declara que para Husserl, o erro essencial da filosofia da visão de mundo é o fato de ela ser baseada em uma supervalorização das convicções subjetivas e atitudes arbitrarias, inclinações e valores de uma personalidade individual. Em vez de se esforçar, como os cientistas, para descrever, explicar e compreender as ordens e desenvolvimentos na natureza, a diversidade estrutural e a história das culturas, constrói-se uma visão privada do mundo e se faz a própria imagem arbitrária desses contextos e realidades. “Mas a ciência é impessoal [...], a sua contribuição enriquece um tesouro de validade eterna, que deve ser uma bênção para a humanidade” (Hua XXV, 59). Segundo Husserl, a filosofia de visão de mundo, enquanto o resultado do historicismo cético, trata-se de uma filosofia pretensamente científica, que compreende as demais ciências enquanto suas ramificações.

Assim, a consolidação de uma ciência rigorosa perpassa, primeiramente, pela crítica ao historicismo, que para Husserl, é, essencialmente, relativista. Este é um dos pontos centrais aos quais o pensador desenvolve a sua crítica. Na acepção historicista, o modo de configuração do pensamento humano, possui determinadas características porque assim foi determinado no curso da história. Tal determinação está intrinsecamente relacionada com o contexto material. Neste sentido, uma das figuras mais criticadas por Husserl é a de Dilthey¹¹. Sobre isso, Peres (2014, pp. 14, 15) demonstra que:

Ao tratar do historicismo, Husserl faz referência explícita à Dilthey. O ponto central que entra na mira é o conceito introduzido por Dilthey de ‘Visão de mundo’ (*Weltanschauung*), conceito esse que Husserl interpreta como uma

10 “As relações de Husserl com os outros grandes idealistas pós-kantianos, Hegel e Schelling, são muito menos importantes. É verdade que durante aqueles anos de guerra Husserl falou muito bem do idealismo alemão em geral [vide FM]. Ao fazê-lo, entretanto, ele tinha principalmente em mente Fichte e, é claro, Kant. Pois Husserl sabia muito pouco da obra de Hegel, ou seja, pouco mais do que os prefácios da *Enciclopédia* e da *Fenomenologia do Espírito*, bem como alguns capítulos das *Lições sobre a história da filosofia*. Além disso, ele leu alguma literatura secundária sobre Hegel. Husserl nunca deu palestras ou seminários especiais sobre ele. Schelling foi completamente ignorado por Husserl” (Kern, 1964, p. 37).

11 Existe a possibilidade de Husserl estar equivocado quanto a sua interpretação de Dilthey, assim como ocorre em relação a Hegel. “Dilthey, como sabemos, não se reconhecerá na visão que, do historicismo, Husserl apresenta em 1911, afirmando, inclusivamente, que é a própria realidade histórica, enquanto realização imperfeita das essências, que constrange a uma busca do sentido e das significações, capazes de ultrapassar o relativismo [...]. Ou seja, num outro plano e motivado por outros interesses, o tema próprio do historicismo de Dilthey não nos parece opor-se radicalmente à análise intencional, tal como Husserl a pratica nas *Investigações Lógicas* e em *Ideias I*” (Morujão, 2008, p. 183). De igual modo, Farges (2006) demonstra que no conceito de *Lebenswelt*, presente em *Krisis*, há um débito de Husserl em relação a Dilthey, no sentido de este ter inspirado Husserl no desenvolvimento deste conceito.

tentativa falha de derivar a natureza da filosofia do estudo empírico da história [...]. Afirmar que a filosofia é um produto de fatores históricos seria tão absurdo quanto afirmar que as ciências naturais são dependentes apenas da situação histórica (e não da própria relação entre teoria e natureza). Ora, a validade de uma teoria física não deriva da história, mas da relação objetiva entre a teoria e o domínio sobre o qual ela versa [...]. Para Husserl, teorias não são meras formações culturais, mas unidades objetivamente válidas.

Isso remete ao estatuto que as idealidades¹² ocupam no pensamento de Husserl: estas sendo atemporais, não podem ser frutos de processos históricos. Do mesmo modo, não podem ser meros conceitos, posto que estes também podem ser modificados. De fato, determinados acontecimentos estão atrelados ao seu contexto. E o mesmo também pode ser aplicado à ciência natural, onde na história¹³, em certa época o paradigma da verdade foi posteriormente substituído por outro, *vide* Copérnico e a sua revolução. Husserl concorda plenamente com isso: há uma substituição no paradigma porque este é um fato. O fato é por excelência, algo contingente.

Neste contexto, a crítica que Husserl desenvolve ao naturalismo em *PsW* (como se verá no segundo tópico) é mais um esforço contra as consequências que a relativização pode gerar. Uma ciência para ser rigorosa, não pode ser de modo algum relativa, principalmente no que diz respeito aos seus fundamentos. Posto que os fatos por serem contingentes geram apenas novos fatos, e disso resultaria uma mera indução, Husserl afirma que: “a indução não funda a validade da lei, mas apenas a maior ou menor probabilidade dessa validade; justificado por intelecção é a probabilidade, não a lei” (Hua XVIII, §21, 74). Em face disso é que a tese do idealismo transcendental¹⁴ ganha mais força no pensamento de

12 O tema da idealidade ocupa boa parte da argumentação presente em *LU I*. Neste escrito, Husserl dirige uma crítica ao psicologismo lógico, em especial, reiterando a diferenciação entre a esfera real e ideal, entre juízo e conteúdo do próprio juízo, por exemplo. Para Husserl, *a verdade é ideal*. Isso significa que está além de toda a temporalidade, e que o pensamento humano para estar correto tem de estar em consonância com a idealidade. O sujeito é neste caso, quem se adequa à verdade, posto que esta é *una*, atemporal e absolutamente válida, independentemente de quem a pense. Em suma, é a realidade quem tem de se adequar à idealidade, posto que o traço fundamental da realidade é a contingência; da idealidade é a necessidade.

13 De maneira alguma Husserl rejeita a importância da história no desenvolvimento intelectual humano. Em inúmeros momentos, Husserl recorre à história como modo de justificar determinado acontecimento factual (como a crise das ciências), frequentemente recorrendo através de alusões a personagens da história do pensamento humano. Como algo a ser notado, ele afirma que: “reconheço plenamente o imenso valor da história no sentido mais amplo para o filósofo” (Hua XXV, 46-47). O centro de sua crítica, como é mostrado, reside na tentativa por parte de alguns pensadores, de considerar a idealidade como um resultado histórico, isto é, de compreender o ideal como dependente do real.

14 A consolidação do idealismo fenomenológico-transcendental ocorre em 1913 com a publicação de *Ideen I*. Entretanto, é possível mesmo antes desta data, destacar alguns elementos que indicam este direcionamento na obra de Husserl, como nos anos de 1906/07. Nesta época, duas de suas notórias obras servem enquanto um esboço para a concretização da fenomenologia

Husserl ao buscar um fundamento *a priori* que explique o funcionamento da consciência intencional. Husserl elenca algumas condições fundamentais para que a filosofia possa alcançar o seu rigor, e que segundo Zilles (2012), correspondem à ausência de pressupostos, ao caráter apriorístico, e por fim, à evidência apodítica. Os fatos por estarem submetidos ao devir, não perdem a sua contingência e não reúnem condições de fundamentação. Tal como em Kant, o *a priori* tem como uma de suas características a universalidade, isto é, a não variação entre um sujeito e outro: “todo o conhecimento que detém um fundamento *a priori* anuncia-se pela exigência de ser absolutamente necessário” (AIII, AXIV). É por isso que o historicismo é combatido por Husserl, pois relativiza a verdade, tratando das idealidades enquanto resultados de processos históricos. E se os mesmos processos tivessem ocorrido de outro modo, logo as idealidades também seriam constituídas de uma maneira diferente. O ideal, na compreensão historicista, é entendido enquanto uma construção do real. Neste sentido, é que para Husserl, o historicismo representa um obstáculo à construção de uma ciência rigorosa. Teixeira (2006, p. 123) ilustra que:

Husserl não tem qualquer problema em reconhecer que, em certo sentido, nossos diferentes sistemas de crenças ou formas de pensar com suas pretensões de validade são, de fato, formações históricas (o que, de resto, é algo quase trivial); por outro lado, Husserl não concede de modo algum que de tal fato se possa inferir, sem mais, como o faz o Historicismo, que a noção mesma de validade objetiva, universal ou ideal perdeu todo o seu sentido e que, correspondentemente, deveríamos reconhecer ser possível sistemas de crenças ou formas de pensar radicalmente diferentes, todos eles tendo igualmente valor apenas relativamente à forma de vida sociocultural que elas historicamente expressam e sendo possivelmente ininteligíveis entre si e necessariamente incomensuráveis umas com as outras.

Como fica evidenciado, na concepção historicista, os moldes do pensamento constituem o resultado de um processo histórico, e caso este tivesse ocorrido de outro modo, por conseguinte, o pensamento também seria afetado e pensaria em objetos ideais de outro modo. Mas não somente isso: as idealidades, nesta visão, sendo determinadas pela realidade, de igual modo seriam distintas. Neste modo de compreensão, cada concepção de verdade é temporal, pertencendo ao contexto em que determinado pensador vive.

enquanto idealismo transcendental: *ELE*. Neste escrito, e em especial no quinto capítulo (*Die Erkenntnistheorie als erste Philosophie*), aparece um elemento que será fundamental em todo o desenvolvimento posterior da obra de Husserl: a *εποχή*. Também na mesma obra, em especial no sexto capítulo (*Die Phänomenologie als Wissenschaft vom reinen Bewußtsein*), a fenomenologia passa a ser compreendida enquanto ciência da consciência pura, e não mais na qualidade de uma psicologia descritiva, como foi compreendida em *LU I*; ii) *IP*, obra na qual, Husserl realiza de 26 de abril de 1907 a 02 de maio de 1907 em Göttingen, a exposição de seu método fenomenológico, já na qualidade de uma filosofia pura. Com isso, estes textos de 1906/07 apresentam uma grande proximidade conceitual, pois se referem ao momento em que Husserl influenciado por Kant, desenvolve uma tarefa crítica da razão compreendida como fenomenologia.

Novamente faz-se oportuno retomar a indicação de Husserl em *LU I*: “Mas é um absurdo designar leis que valem para verdades enquanto leis para fatos. Nenhuma verdade é um fato, isto é, algo temporalmente determinado”, e ainda acrescenta que “uma verdade pode significar o que uma coisa é [...], [m]as a verdade mesma está além de toda determinação temporal, isto é, não tem sentido nenhum determinar o seu ser temporal” (Hua XVIII, §24, 87). Por mais que esta definição encontre-se atrelada nas *LU I* ao plano da afirmação da lógica pura¹⁵ em face da relatividade consequente do psicologismo, pode-se com isso, compreendê-la enquanto um esboço da crítica ao historicismo que é realizada em *PsW*. Por mais que ambas as obras estejam separadas por mais de uma década e a concepção de Husserl em vários pontos tenha sido alterada (*vide* a edição B¹⁶, de 1913 e a publicação de *Ideen I*), é possível compreender que o intuito é o mesmo: de enfrentar a relativização da verdade, distinguindo o real do ideal, e demonstrando que a verdade não é o resultado de construções históricas, mas é inserida no plano das idealidades atemporais.

A crítica ao naturalismo e a diferenciação entre o físico e o psíquico

O conceito de naturalismo, compreende uma doutrina que se desdobra na tentativa de resolver as questões referentes à teoria do conhecimento, deixando de lado a relação clássica entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível. De acordo com a definição de Drummond (2007), o vocábulo refere-se à visão que considera tudo exclusivamente enquanto um ente natural, isto é, como um ser espaço-temporal envolto em um mundo causalmente mecanicista, puramente físico. Na visão de Husserl, é a tendência de reduzir o psíquico ao físico, naturalizando assim, a consciência. O naturalismo, em outras palavras, falha em apreender o psíquico de maneira adequada e colapsa todas as leis ideais; mais importante ainda, aquelas da lógica e todas as normas ideais em leis meramente empíricas e generalizações normativas.

No mesmo sentido, Tourinho (2017) demonstra que a doutrina naturalista consiste em pensar o mundo unicamente como uma realidade de fatos naturais. Neste caso, por mais êxito que o pensamento obtenha, fica confinado a inferir, a partir da observação dos fatos generalizações vagas da experiência (cf. Hua XVIII, §21) que, como tais, não perdem o seu aspecto contingente, não livrando, por conseguinte, do assédio da dúvida e do que

15 O projeto husserliano permeia a construção de uma doutrina que escape a todo tipo de relativismo. Primeiramente, conforme apresentado em *LU I*, Husserl almeja a construção de uma doutrina *a priori* que escape a qualquer relativismo e investigue quais as condições que outorgam legitimidade ao conhecimento científico, posto que este é inseparável do fundamento. E tal doutrina é a lógica pura, assumida na forma de uma *Wissenschaftslehre*, isto é, uma “Ciência-da-ciência”, tendo a fenomenologia enquanto uma ciência auxiliar na elucidação das esferas subjetivas que conferem legitimidade ao conhecimento. A insistência de Husserl para que esta doutrina seja *a priori* encontra-se no fato de que o psicologismo, reinante nas ciências, é relativista em todos os seus sentidos.

16 Na edição A (1901) das *LU II*, Husserl (Hua XIX/I, 24) afirma que: “A fenomenologia é a psicologia descritiva. Assim, a crítica do conhecimento é essencialmente psicologia, ou pelo menos só pode ser construída sobre os fundamentos da psicologia”. Na edição B (1913), Husserl (Hua XIX/I, 23) afirma que: “fenomenologia não é psicologia descritiva”.

insiste em não se mostrar evidentemente como tal. Assim, nessa perspectiva, a totalidade passa a ser compreendida na qualidade de um objeto físico, ou seja, natural, vindo a consciência a ser definida enquanto algo vago, como um receptáculo de informações, sendo o conhecimento apenas o efeito oriundo da ação causal estabelecida pelos objetos físicos exteriores.

Destamaneira, para Husserl, há uma urgência na busca por um esclarecimento acerca da diferenciação entre os fenômenos físicos e psíquicos, e neste sentido, Cerbone (2019) reitera que os argumentos husserlianos utilizados para sustentar o seu antinaturalismo dizem respeito à autonomia e primazia do método fenomenológico diante das ciências naturais, bem como a limitação destas quanto às questões de princípios no âmbito transcendental. Neste contexto, Tourinho (2013) argumenta que enquanto consequência do naturalismo, surgiria uma crise da filosofia, dos fundamentos filosóficos, e, assim, tal crise poderia pôr um fim à filosofia na qualidade de uma ciência primeira, como ciência rigorosa. Husserl, em contraposição ao naturalismo, demonstra qual é a pretensão de sua doutrina:

Portanto, a fenomenologia, aqui, a fenomenologia do conhecimento na qualidade de doutrina da essência dos fenômenos puros do conhecimento [...]. Mas como a fenomenologia deve começar; como ela é possível? Devo julgar e, contudo, julgar de modo objetivamente válido, conhecer cientificamente fenômenos puros (Hua II, 47).

Sendo assim, Husserl confere à filosofia, a condição de a única ciência que pode, verdadeiramente, tornar-se rigorosa, pois emprega para si mesma os seus próprios fundamentos e possibilita o desenvolvimento das demais ciências. O psicologismo resume-se, portanto, a mero engano teórico, na não separação entre físico e psíquico, que por sua vez, pode conduzir a uma limitação das possibilidades epistêmicas, e o naturalismo enquanto a sua causa imediata, que aparece enquanto um equívoco que deve ser combatido mediante a análise fenomenológica da estrutura pura e imanente da consciência intencional.

Para Husserl, a filosofia naturalista é, então, o resultado de uma descoberta espaço-temporal, com base em leis naturais. O pesquisador natural, por sua vez, tende a interpretar os fenômenos, sejam físicos ou psíquicos, enquanto resultantes da realidade natural. O psíquico, neste caso, mesmo separando-se ligeiramente do físico, é uma variação deste. O fundamento supremo de atestado epistemológico, reside, assim, na esfera natural. Mesmo já sendo indicado por Husserl nas *LU I* que “todo o conhecimento começa com a experiência, mas não deriva somente da experiência” (Hua XVIII, §24, 86), isso significa que reduzir todo o conhecimento a uma compreensão naturalista é, mais uma vez, um retrocesso não somente ao empirismo¹⁷, mas de sobremodo ao psicologismo, que é uma

17 A crítica aos empiristas não é novidade no pensamento de Husserl. Spiegelberg (1994, p. 85) demonstra que: “os empiristas britânicos de Locke a Hume foram as leituras introdutórias de Husserl na filosofia e permaneceram de importância básica para ele durante todo o seu desenvolvimento posterior. Muitas vezes, ele lhes deu crédito por terem desenvolvido um

consequência do naturalismo. Neste sentido, Husserl aproxima-se mais uma vez de Kant¹⁸, ao vislumbrar que os fatos não possuem exatidão, posto que os juízos sintéticos enquanto uma expressão sensível, são meramente particulares, e portanto, contingentes. Com isso, somente o juízo analítico por ser *a priori*, e não estando condicionado ao devir empírico, é o que possibilita o conhecimento de alcance universal. Logo, a possibilidade de se ter uma ciência naturalista como fundamento da filosofia é um verdadeiro regresso. Pois como lembra Husserl: “através de fatos, podem ser originados somente novos fatos” (Hua XVIII, §36, 126). No mesmo sentido, Morujão (1982, pp. 35-36) demonstra que:

A filosofia como fundamentação absoluta é uma exigência que leva Husserl a conceber a filosofia como ciência rigorosa. Afasta-se por isso essa concepção do positivismo e cientismo, cujo conceito de saber é exclusivamente derivado da ciência empírica e experimental, negando-se estritamente outra possibilidade de saber [...]. Husserl está convencido de que mesmo as ciências mais [exatas] estão longe de realizar, no seu domínio, do qual não alcançam a essência por seus próprios meios, a ideia do saber com todo o seu rigor [...]. Para que a filosofia tenha a sua razão de ser será necessário que assuma a tarefa de investigar, enumerar e justificar os princípios, visto a ciência ser incapaz de, por princípio, executar essa tarefa; a filosofia será o verdadeiro saber rigoroso.

Reafirmando e ampliando a visão presente por exemplo em *ELE* e *IP*¹⁹, em *PsW*, Husserl afirma que toda ciência natural é ingênua (*naiv*). Para ela, toda a realidade a ser investigada está pronta, está dotada de um sentido imanente. Toda a sua investigação move-se, por conseguinte, no nível empírico, no âmbito de uma realidade mutável. Fato este que pode proporcionar apenas uma maior ou menor probabilidade em relação à lei estabelecida. Até mesmo o “psíquico não detém um mundo para si, mas é dado enquanto uma experiência de um eu, como um eu-vivido [...], ligando-se a certas coisas físicas, chamadas corpos” (Hua XXV, 13). Esta aceitação de uma realidade pronta, é mais um dos argumentos favoráveis ao idealismo transcendental, que inaugurado por Kant em sua *KrV*, põe o sujeito enquanto o centro do alcance epistemológico. Husserl ao adentrar na

primeiro tipo de fenomenologia, embora de modo inadequado. Ele até os recomendava para seus alunos”. O ponto principal a ser destacado é que para Husserl, a empiria é fundamental no que tange o conhecimento, entretanto, o empirismo é incapaz de fornecer as bases necessárias para a construção de uma ciência rigorosa, pois este projeto de ciência demanda um fundamento incondicional (não transcendente) tendo de ser, de ordem *a priori*. Afinal fatos empíricos apenas fornecem novos fatos empíricos e as suas teorias são meramente prováveis (cf. Hua XVIII, § 72).

18 Biemel (1973, p. 10) ressalta que a “semelhança com [...] Kant não é coincidência [...]; a partir dessa ocupação desenvolveu a ideia da fenomenologia como filosofia transcendental, como idealismo transcendental e a ideia de redução fenomenológica”. O fato é que Kant passa a influenciar decisivamente Husserl a partir dos anos de 1906/07, sendo que anteriormente a isso, era um pensador criticado pejorativamente por Husserl.

19 Em tais obras Husserl estabelece uma distinção entre atitude natural/ingênua (presente nas ciências) e atitude filosófica/transcendental (própria da fenomenologia).

defesa de uma fenomenologia pura, determina, assim como Kant²⁰, que o sujeito é ativo no processo de outorgar sentido ao objeto que se lhe apresenta. Definitivamente, tem de haver uma clara distinção entre os fenômenos físicos e psíquicos, bem como quanto às suas especificidades.

Para tal, é que Husserl estabelece uma distinção fundamental entre os fenômenos puro e psicológico (diferenciação que falta ao naturalismo e psicologismo), na medida em que este último é caracterizado por uma vivência que pode ser demonstrada empiricamente, por intermédio das leis das ciências naturais. Por sua vez, o fenômeno puro, apresenta-se na percepção (*Wahrnehmung*) do sujeito cognoscente, no momento em que a reflexão concentra-se em si mesma, e, intuitivamente, encontra-se com o seu próprio fundamento. Para Husserl, o ponto de partida metodológico pelo qual a apercepção fenomenológica deve ser garantida é o da psicologia, isto é, a apercepção empírico-natural. Entretanto, isso não significa que a psicologia possa fundamentar a teoria do conhecimento, pois se assim fosse, denotaria uma contradição, um enorme regresso ao psicologismo, como apontado por Husserl em *LU I*. Santos (2010, p. 297) demonstra que a “fenomenologia começa onde termina a psicologia”. Neste sentido, o que interessa a Husserl é única e exclusivamente o método de descrição das vivências. Com isso, pode-se evidenciar que a apercepção pura e a empírica estão próximas e relacionam-se, mas são fundamentalmente distintas: o conteúdo do ato visado é distinto do ato²¹. O conteúdo, neste caso, diz respeito ao plano ideal, ao passo que o ato em si, é algo viabilizado pela estrutura psíquica do indivíduo que apreende. Neste caso, como exemplo de um conteúdo ideal, há as leis lógicas, e caso estas fossem provenientes de factualidades psicológicas, então elas teriam de exprimir um conteúdo psicológico, isto é, teriam de ser constituídas na qualidade de leis para o psíquico e também pressupor a existência do psíquico. Para Husserl, nenhuma lei lógica demanda uma questão de fato. Nenhuma lei lógica é uma lei para factualidades da vida psíquica, nem mesmo para as representações. Leis empíricas, ao contrário, necessariamente, pressupõem um conteúdo fático (cf. Hua XVIII, §23).

20 “O fato de a fenomenologia de Husserl operar com uma noção ampliada do transcendental, o fato de incluir tópicos como corporificação e intersubjetividade em sua análise transcendental, confere-lhe uma vantagem em comparação com um tipo kantiano mais tradicional de filosofia transcendental. Mas, é claro, também seria justo dizer que essa transformação gera novos problemas próprios. Se uma investigação transcendental não pode ignorar a historicidade da vida humana, se as estruturas transcendentais se desenvolvem ao longo do tempo e podem ser modificadas sob a influência da experiência, ela se depara com a tarefa de enfrentar a ameaça do relativismo histórico [...] Deve ficar claro, no entanto, que Husserl, ao endossar a visão de que a única justificação alcançável e a única justificação necessária é aquela que é interna ao mundo da experiência e às suas práticas intersubjetivas, oferece uma visão sobre o transcendental que aponta para frente em tempo ao invés de retroceder para Kant. Nesse sentido, e nessa medida, a concepção transcendental de Husserl é distintamente moderna” (Zahavi, 2015, p. 241).

21 O esboço desta distinção entre conteúdo ideal e psicológico, já se encontra presente em *LU I* (Hua XVIII, §27, 96), onde Husserl reitera que as leis lógicas são distintas das leis pertencentes ao campo da psicologia empírica: “[a] inteligibilidade das leis lógicas mantém-se. Mas quando se compreende o seu conteúdo de pensamento enquanto conteúdo psicológico, altera-se totalmente o seu sentido originário, que estava ligado à inteligibilidade”.

“Percebe-se então, que a investigação deve ser direcionada para um conhecimento científico da essência da consciência, para aquilo que a consciência em todas as suas formas distinguíveis ‘é’ em si mesma, de acordo com sua essência” (Hua XXV, 15-16). E esta demanda se faz presente porque uma teoria do conhecimento naturalista não reúne as mínimas condições de cientificidade²², isto é, de ser uma ciência rigorosa. Isso significa que todos os tipos de consciência devem ser identificados, bem como investigados em suas conexões essenciais (*Wesenszusammenhänge*) e relação recíproca para com as suas formas pertencentes, e isso deve ocorrer na esfera de doação da consciência intencional. “A ciência da consciência, que não é psicologia, é baseada em uma fenomenologia da consciência em oposição a uma ciência natural da consciência” (Hua XXV, 17). Evitando qualquer retrocesso psicologista, Husserl é enfático ao dizer que tanto a psicologia, como a fenomenologia, encontram-se próximas. A diferença fundamental entre ambas é que à psicologia interessa a “consciência empírica”, a consciência enquanto um desdobramento da realidade natural. Já à fenomenologia cabe a análise da consciência intencional em sua esfera apriorística, em suas puras doações, em sua capacidade de outorgar sentido aos fenômenos que se lhe manifestam.

Neste sentido, Husserl não ignora a importância da psicologia na investigação humana. Entretanto, o que ele ignora veementemente é que a psicologia busque servir de fundamento à filosofia. “O método experimental é indispensável [...], mas ele pressupõe a análise da própria consciência, que nenhum experimento pode alcançar” (Hua XXV, 19). Neste caso é que para Husserl, a psicologia pode apenas ser uma ciência dos fenômenos psíquicos (*psychischen Phänomenen*), mas não uma ciência da “alma” (*Seele*)²³ humana. O psíquico, deste modo, não se resume a uma experiência empírica como quer a ciência naturalista, mas sim, a uma vivência posta na reflexão autoevidente do fluxo absoluto da consciência intencional.

Deste modo, o psíquico somente pode ser “experimentado” por meio da reflexão, da recordação, da imaginação, etc., e no “relembrado”, há o “ser percebido”, que pode ser repetidamente lembrado, em recordações que se unem umas às outras em uma unidade de consciência. Neste sentido, nesta repetição única e idêntica, o psíquico pode *a priori* ser “experimentado” e identificado como sendo (*identifiziert sein*). Tal unidade de consciência é distinta da natureza (*Natur*), do espaço e tempo, bem como da causalidade, possuindo uma constituição própria. “É um fluxo ilimitado de fenômenos em dois sentidos, com uma linha intencional contínua que é, o índice da unidade que tudo permeia, ou seja, a linha do ‘tempo’ imanente e sem fim, um tempo que nenhum cronômetro mede” (Hua

22 O traço fundamental da cientificidade é a legitimidade teórica presente em todas as etapas do método, bem como em relação aos princípios que tornam legítimas as etapas constituintes, ao passo que conhecimento científico é o conhecimento obtido através da inseparabilidade do fundamento (cf. Hua XVIII, §62). Sem essa fundamentação necessária, o conhecimento perde imediatamente o seu grau de cientificidade. Para uma maior elucidação sobre esta temática no pensamento husserliano, cf. Sacchini, 2018.

23 Provavelmente, esta expressão faz referência ao *ego*, ao puro fenômeno revelado mediante a redução transcendental, e que não pode ser captado pela psicologia experimental, e não à “alma” no sentido popular.

XXV, 30). Deste modo, a fenomenologia pura como ciência, somente pode ser investigação pura, não se utilizando da posição existencial da natureza (*existenzialen Setzung*), sendo deste modo, apenas investigação sobre o ser (*Daseinsforschung*) e não sobre a existência. Para que isso ocorra, é fundamental que “toda a verdadeira teoria do conhecimento [tenha o] seu fundamento na fenomenologia, que se constitui enquanto o fundamento de toda a filosofia e da psicologia” (Hua XXV, 39). Esta concepção de Husserl faz com que as bases da filosofia como ciência rigorosa, estejam presentes em sua fenomenologia.

Portanto, do fato pode ser extraída apenas a probabilidade, jamais a universalidade, daí a somente experiência é insuficiente em termos de fundamentação. Entretanto, o mesmo não pode ser admitido ao plano ideal: a condição eidética de o triângulo possuir três lados, é algo invariável, alguém queira ou não, pois se trata de uma idealidade atemporal. O mesmo é válido para o princípio de identidade e não-contradição, bem como do terceiro termo excluído. Diante disso, é necessário diferenciar entre “a ciência enquanto fenômeno cultural e a ciência como um sistema de teoria válida” (Hua XXV, 44). Contra a relativização da verdade, o que Husserl almeja demonstrar é: mesmo que o ser humano tivesse evoluído de outro modo, mesmo que as condições materiais de desenvolvimento fossem diversas, as idealidades seriam como sempre foram, pois são independentes de um sujeito que as pense: são *verdades em si*. Pode-se observar facilmente que o historicismo “realizado de forma consistente, passa para um subjetivismo extremamente cético. As ideias de verdade, teoria e ciência perderiam então, como todas as ideias, sua validade absoluta” (Hua XXV, 43).

Disso resulta que “de fundamentos históricos somente podem ser originados resultados históricos. Almejar a fundação ou a refutação de ideias através de fatos, é um absurdo” (Hua XXV, 45), por isso que Husserl combate com tanta ênfase em *PsW*, o historicismo e o naturalismo. E isso também se dá porque a função da filosofia não é restrita por Husserl ao âmbito teórico, mas também ao prático (cf. Hua VI, §15). “Toda grande filosofia não é apenas um fato histórico, mas também tem uma [...] função teleológica no desenvolvimento da vida espiritual da humanidade” (Hua XXV, 48). Quanto a essa dupla função tanto teórica quanto prática a ser desempenhada pela filosofia, Hoyos (2011) assinala que para Husserl, isso se trata de uma confiança na consolidação de uma humanidade autêntica, na qual o filósofo é um “funcionário da humanidade”, sendo a tarefa deste criar as condições de alcance deste ideal²⁴. Não obstante, apenas a fenomenologia compreendida como uma ciência rigorosa, é que segundo Husserl, reúne a capacidade de cumprir para com tais exigências.

24 Pode-se postular que essa compreensão ética de Husserl, de o filósofo se apresentar enquanto um “funcionário da humanidade”, é herdada principalmente de Fichte. Para tal, basta observar em *FM*, em suas lições, o modo como Husserl enaltece Fichte e recomenda escritos aos ouvintes. Cf. Santoro, 2026. Da mesma forma, sobre tal ofício atribuído ao filósofo, cf. Fontana, 2021.

Considerações finais

Pode-se observar, em *PsW*, por meio de uma reflexão histórica, Husserl afirma que há uma tendência que acompanha a filosofia desde os seus primórdios: a pretensão de tornar-se uma ciência rigorosa. Isso envolve a resolução de necessidades teóricas, inclusive a ético-religiosa, tendo como base elementos puramente racionais. Embora este projeto nunca tenha sido abandonado por completo por parte dos diversos pensadores, fato é que nunca pôde ser cumprido com êxito. Há, entretanto, neste projeto, momentos históricos em que este intento apresentou-se ora mais, ora menos elevado. Em face disso, Husserl desenvolve uma crítica epistemológica, em especial ao historicismo e ao naturalismo, este resumindo todo ente a uma realidade material, e aquele compreendendo a verdade como uma construção histórica. Para o filósofo, ambos os modos de compreender a realidade estão fadados à relatividade, e por conseguinte, ao ceticismo.

Em vista disso, Husserl busca um fundamento *a priori* para livrar-se do relativismo e para servir enquanto a base da filosofia, que é o *ego* puro. As condições fundamentais para que a filosofia possa alcançar o seu rigor, dizem respeito à ausência de pressupostos, ao caráter apriorístico, e por fim, à evidência apodítica. Os fatos por estarem submetidos ao devir, não perdem a sua contingência e não reúnem condições de fundamentação. A ênfase no *a priori* tem como uma de suas características a universalidade, isto é, a não variação entre um sujeito e outro, posto que todo o conhecimento que detém um fundamento *a priori* anuncia-se pela exigência de ser absolutamente necessário. É por isso que o historicismo é combatido por Husserl, pois relativiza a verdade, tratando das idealidades enquanto resultados de processos históricos. E se os mesmos processos tivessem ocorrido de outro modo, logo as essências também seriam constituídas de uma maneira diferente. O ideal, na compreensão historicista, é entendido enquanto uma construção do real. Neste sentido, é que para Husserl, o historicismo representa um obstáculo à construção de uma ciência rigorosa.

Mesmo a investigação ocorrendo no âmbito da experiência, é necessário haver uma nítida distinção entre os fenômenos físicos e psíquicos, bem como entre fenomenologia e psicologia. Para tal, é que Husserl estabelece uma diferenciação entre os fenômenos puros e os psicológicos, na medida em que este último é caracterizado por uma vivência que pode ser demonstrada empiricamente, por intermédio das leis das ciências naturais. Com isso, pode-se evidenciar que a apercepção pura e a empírica estão próximas e relacionam-se, mas são fundamentalmente distintas: o conteúdo do ato visado é distinto do ato. O conteúdo, neste caso, diz respeito ao plano ideal, ao passo que o ato em si, é algo viabilizado pela estrutura psíquica do indivíduo que apreende. Para Husserl, nenhuma lei ideal demanda uma questão de fato. Nenhuma lei lógica, por exemplo, é uma lei para factuais da vida psíquica, nem mesmo para as representações. Leis empíricas, ao contrário, necessariamente, pressupõem um conteúdo fático.

Por isso, uma filosofia pura compreendida na forma de uma ciência rigorosa, que além de fundamentar a si, também contribui para o progresso das demais ciências, não pode ficar presa aos fatos empíricos, posto que estes são transitórios e não possuem uma

extensão universal. A universalidade, assim, somente pode ser alcançada por meio do *a priori*. É neste sentido que Husserl realiza uma crítica à tradição filosófica, pelo fato de a filosofia não ter ainda sido convertida a uma ciência rigorosa. A filosofia, ao contrário das demais ciências, não progrediu, segundo Husserl, ficando presa somente às convicções dos pensadores. E portanto, a possibilidade de concretização deste ideal se encontra expressa em uma fenomenologia apriorística.

Referências bibliográficas

- BIEMEL, Walter. In: *Die Idee der Phänomenologie: Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.
- CARVALHO, Guilherme Felipe. A ciência rigorosa em Husserl. *Pólemos*, v. 19, p. 101-117, 2022.
- CARVALHO, Guilherme Felipe. Philosophie als strenge Wissenschaft: o projeto de Edmund Husserl. *Filogênese*, Vol. 17, n. 1, 2022.
- CARVALHO, Guilherme Felipe. Edmund Husserl e o problema do historicismo. In: XXI Congresso Internacional de Filosofia da PUCPR, 2023, Curitiba. *Anais do XXI Congresso Internacional de Filosofia da PUCPR*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2023. p. 358-366
- CARVALHO, Guilherme Felipe. *Edmund Husserl e a fundação do idealismo fenomenológico-transcendental*. 2024. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2024.
- CARVALHO, Guilherme Felipe; FERRAGUTO, Federico. A materialização da consciência e a defesa da fenomenologia transcendental em Husserl. *Griot: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 14-27, 2024.
- CERBONE, David R. *Fenomenologia*; tradução de Caesar Souza. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- DIEHL, Ulrich Walter. Was heißt “Philosophie als strenge Wissenschaft”? Zu Husserls gleichnamiger Schrift aus heutiger Sicht. In: G. von Sivers / U. Diehl (Hg.), *Wege zur Politischen Philosophie*. Festschrift für Martin Sattler, Würzburg: Königshausen & Neumann, 2005.
- DRUMMOND, John J. *Historical Dictionary of Husserl's Philosophy* (Historical Dictionaries of Religions, Philosophies, and Movements). New York: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2008.
- FARGES, Julien. Monde de la vie et philosophie de la vie. Husserl entre Eucken et Dilthey. *Études Germaniques*, volume 242, n. 2, pp. 191-217, 2006.
- FERRAGUTO, Federico. Fichte and Husserl: Rigorous Science and the Renewal of Humankind. In: COE, Cynthia D., ed. *The Palgrave Handbook of German Idealism and*

Phenomenology. Palgrave Macmillan, New York, 2021.

FONTANA, Vanessa Furtado. Husserl: ética e responsabilidade do filósofo. *Aufklärung*, João Pessoa, v.8, n.3, SetDez, p. 63-76, 2021.

HOYOS, Pedro Juan Aristizábal. Husserl y la filosofía como ciencia rigurosa: Análisis desde el contexto nihilista actual. Medellín, Colombia, *Revista Co-herencia* Vol. 8, No 15 Julio - Diciembre 2011.

HUSSERL, Edmund. (Husserliana II) *Die Idee der Phänomenologie: Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.

HUSSERL, Edmund. (Husserliana XVIII) *Logische Untersuchungen*. Erster Band: Prolegomena zur reinen Logik, ed. Holenstein Elmar, in Husserliana, Band XVIII, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1975.

HUSSERL, Edmund. (Husserliana VI) *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie. Nijhoff, Den Haag, 1976.

HUSSERL, Edmund. (Husserliana III) *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch, in Husserliana, Band III, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1976.

HUSSERL, Edmund. (Husserliana XXIV) *Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie*. Vorlesungen 1906/07. Dordrecht/Boston/Lancaster: Martinus Nijhoff, 1984.

HUSSERL, Edmund. (Husserliana XIX/I) *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band - I. Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis, Nijhoff, Den Haag, 1984.

HUSSERL, Edmund. (Husserliana XIX/II) *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band - II. Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis, Nijhoff, Den Haag, 1984.

HUSSERL, Edmund. (Husserliana XXV) *Philosophie als strenge Wissenschaft*. In: Aufsätze und Vorträge (1911-1921). Dordrecht, Martinus Nijhoff Publishers, 1987.

HUSSERL, Edmund. (Husserliana XXV) *Fichtes Menschheitsideal*. In: Aufsätze und Vorträge (1911-1921). Dordrecht, Martinus Nijhoff Publishers, 1987.

HUSSERL, Edmund. (Hua VII) *Einführung in die Phänomenologie der Erkenntnis*. Vorlesung 1909. Hrsg. von Elisabeth Schuhmann. Springer: Dordrecht, Netherlands, 2005.

IVALDO, Marco. *Fichte*. Tradução de Alessandra Siedschlag. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

KANT, Immanuel. (AAIII) *Kritik der reinen Vernunft* [KrV, 1781]. Werke in Zwölf Bände. Ed. W. Weischedel, Frankfurt: Suhrkamp, 1974.

KERN, Iso. *Kant und Husserl*. Eine Untersuchung über Husserls Verhältnis zu Kant und zum Neukantianismus. The Hague. Martinus Nijhoff. Netherlands, 1964.

- LOPARIĆ, Željko; LOPARIĆ, Andréa M. A. de Campos. In: HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento/ Edmund Husserl; seleção de tradução de Željko Loparić e Andréa M. A. de Campos Loparić.* -São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- MORUJÃO, Carlos. Husserl e a história: sobre o “Im Zickzack Vor- und Zurückgehen”, no § 9 da Crise das Ciências Europeias. *Investigaciones fenomenológicas: Anuario de la Sociedad Española de Fenomenología* 6, 2008.
- MORUJÃO, Alexandre Fradique. A Filosofia como saber rigoroso de fundamentação. *Revista Portuguesa de Filosofia*. T. 38, Fasc. 4, Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia (Oct. - Dec.), pp. 31-49, 1982.
- PERES, Sávio Passafaro. Husserl e o projeto de psicologia descritiva e analítica em Dilthey. *Memorandum*, 27, 12-28, 2014.
- SACRINI, Marcus. *A cientificidade na fenomenologia de Husserl/ Marcus Sacrini.* -- São Paulo: Edições Loyola, 2018.
- SANTORO, Thiago. Ideal ético de humanidade: Husserl e suas lições sobre Fichte. *Philosophos*, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 171-188, Jan./Jun. 2016.
- SANTOS, José H. *Do empirismo à fenomenologia: a crítica do psicologismo nas Investigações Lógicas de Husserl.* São Paulo: Loyola, 2010.
- SIEMEK, Marek J. Husserl e a herança da filosofia transcendental. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 28, n. 91, 2001.
- SPIEGELBERG, Herbert. *The phenomenological movement: a historical introduction.* 3a ed. Dordrecht: Boston: London, Kluwer Academic Publishers, 1994.
- STAEHLER, Tanja. *Hegel, Husserl and the Phenomenology of Historical Worlds.* London: Rowman & Littlefield International, 2016.
- TEIXEIRA, Dario. “Prolegômenos” à crítica husserliana ao historicismo. *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 8, 1/, p. 119-129, 2006.
- TOURINHO, Carlos Diógenes C. As duas faces da crítica de Husserl ao naturalismo: dos problemas de fundamentação teórica aos perigos para a cultura. *Aoristo, International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. Toledo, n°1, v. 2, 2017.
- TOURINHO, Carlos Diógenes C. O problema dos fundamentos na fenomenologia de Husserl: o surgimento de um novo idealismo transcendental no séc. XX. *Síntese - Rev. de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 40, n. 126, 2013a.
- ZAHAVI, Dan. Husserl and the transcendental. In: GARDNER, Sebastian & GRIST, Matthew (eds.). *The transcendental turn.* Oxford, GB: Oxford University Press UK, 2015.
- ZILLES, Urbano. A crise da humanidade europeia e a filosofia. In: HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia.* Prefácio. Introd. E trad. de Urbano Zilles. - 4.ed.- Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
-